

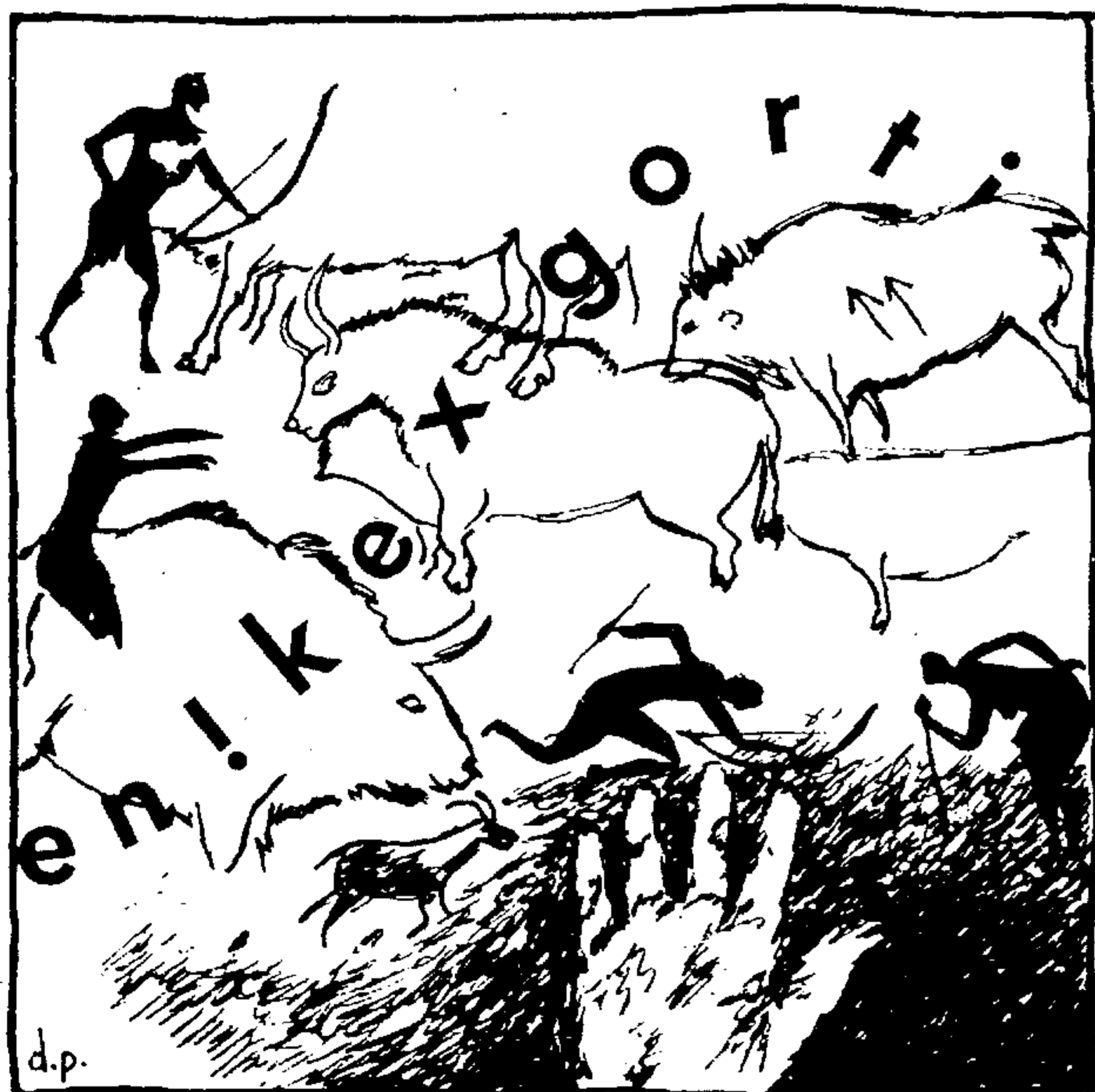
A presente edição, voltada para o propósito de oferecer uma visão panorâmica do conto paulista, terá agora, além dos números mensalmente encartados nos diversos Diários Oficiais, um expressivo acréscimo de 208.000 exemplares, estes destinados aos estudantes que integram a Rede Oficial do Ensino do Segundo Grau da Capital e da Grande São Paulo. Um acontecimento sem precedentes em nossa vida literária, de acentuados reflexos educacionais, tornado possível graças à ação conjugada da Imprensa Oficial e da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Ao promover este lançamento, a Imprensa Oficial vence nova etapa no seu plano de difusão

da cultura, mas desta vez o faz, de maneira singular, pela abrangência da iniciativa que coloca duas centenas de milhares de jovens em contato com um dos gêneros literários mais difíceis de todos os tempos.

É nossa esperança que, dado o critério que presidiu à seleção dos contos, possa esta coletânea estimular ou criar no aluno o gosto pela leitura e, ao chegar às mãos dos professores, venha a se converter num instrumento de freqüente manuseio pelo inusitado valor pedagógico que encerra, em consonância com os princípios regeneradores da educação.

O CONTO EM HISTÓRIAS

RUY MARCUCCI



“ERA UMA VEZ...”

Quem não conhece o efeito mágico dessas palavras, por mais tempo que já tenha passado desde que elas foram ditas à criança que já fomos? Há sempre uma pessoa que ficou associada àquele momento, uma figura de mulher, uma cabeça branca, uma voz suave e pausada, um vulto recostado no escuro de nossa infância. Em todas as línguas do mundo existe uma expressão como essa, uma promessa e um começo de estória, um convite à fantasia que é mais que um prazer porque é uma necessidade humana. A narrativa contada em torno da fogueira foi o primeiro passatempo da humanidade em épocas imemoriais, mas não foi apenas isso: as aventuras de indivíduos e de grupos revelaram os primeiros heróis e falaram dos primeiros estadistas. As estórias primitivas começaram a escrever a História e, modernamente, com o avanço da pedagogia, a narrativa, bem manejada, se inse-

re na aula como um instrumento de atração, que ilustra o pensamento do expositor e esclarece o conteúdo da lição.

O conto, a historieta, a fábula têm acompanhado o desenvolvimento da cultura porque se acham em correspondência com uma solicitação natural do espírito humano sempre envolvido na fantasia e na curiosidade.

Desenhos toscamente dispostos em série, encontrados em inúmeras grutas da Ásia ou em furnas da França e da Espanha, são esboços de contos, já anteriormente relatados à grei, apresentando as aventuras do homem primitivo que se refugiava no fundo das cavernas a fim de escapar aos animais que rugiam, ameaçadores, lá fora.

De qualquer forma, parece que o homem sempre teve necessidade de transmitir o seu caso — o caso do nosso caipira — e isso ocorre antes mesmo que surja a escrita. Quem é Tiresias, o sublime cego da Tebas antiga, senão um contador de histórias —

por extensão dos contos? Não são contos, típicos contos, os das **Mil e Uma Noites**, do mundo árabe de Harum-Al-Rachid, o Magnífico, em que se fundem a crueldade dos poderosos e a esperteza e os ardis dos fracos, e nos quais a malícia das escravas aponta na remota direção das mulheres emancipadas dos nossos dias? Antes disso, com predecessores em toda a Mesopotâmia, na Índia e no Egito, têm lugar nesta sinopse a lembrança das parábolas de Jesus, que são, a rigor, contos curtos, tão comunicativos que permitiram a rápida expansão de um pensamento filosófico que se tornou suporte de uma religião dominadora.

Nos rapsodos gregos, em Demóstenes, na **Bíblia**, a onipresença do conto — sempre a onipresença do conto. No **Velho Testamento**, é conto o conflito entre Esaú e Jacó, este último um emulo do velho Ulysses, cuja virtude, típica daqueles tempos, não era a latina da coragem, do vigor físico e da devoção a Roma, mas a capacidade de

enganar o próximo. Conto, e dos mais belos, é o episódio de Rute. E é conto o encontro de Salomão com a rainha de Sabá, e o epitalâmio conseqüente (embora não assente) do **Cântico dos Cânticos**. A própria história de Noé, que emerge do limbo folclórico mesopotâmico, é um autêntico conto e, curiosamente, encontra símile em várias outras civilizações, com inusitado sabor arquetípico.

A narrativa curta, isso que depois foi chamado conto, teria nascido no Egito. A **História de Dois Irmãos** talvez seja a estorinha mais antiga que se conhece, datando provavelmente do século XIV a.C., e tendo sido aproveitada parcialmente como tema do **Antigo Testamento**, que a recontou no drama vivido por José naquele país. Mas conto, conto como conhecemos, veio muito depois. A palavra pode ter vindo do latim *computum*, cálculo, ou do grego *kóntos*, ponta-de-lança, ou ainda do latim *commentum*, invenção.

Em civilizações mais próximas

